

## REPENSANDO A HISTÓRIA

Marcos A. da Silva (Org.) Rio de Janeiro,  
ANPUH/Marco Zero, 1984.

Esse livro chega em boa hora e, em certa medida, traduz a árdua luta em que a Associação Nacional de Professores Universitários de História (ANPUH) esteve empenhada, que remonta ao início da década de '70: a denúncia da ideologização do ensino da História, via implantação de Estudos Sociais, que expurgava dos currículos do ensino de 1º e 2º graus a Filosofia e, em parte, a própria História. Ele é o coroamento de tal luta que, individualmente, se deslocou à sala de aula, onde o profissional, no seu cotidiano, questionou a proposta educacional da ditadura, preocupada em formar "cidadãos" obedientes e acordes às regras hierárquicas de mando-obediência.

Não é necessário, sugerem alguns pensadores, fazer grande esforço para entender um enigma de tal natureza: o projeto educacional homogeneizante pretendeu "costurar" a divisão da sociedade e para isso buscou *recriar*, através da alienação, o "feitiço" que torna possível a dominação de uma sociedade pelo jugo do UM. Projeto magistral que quase se viabilizou se não fosse a emergência, em diferentes "espaços", do questionamento de tamanha "engenhosidade". É o que se escuta nos trabalhos da presente coletânea que desnudam as mazelas dessa História ufanista e, "paradoxalmente", não se contentam apenas com a denúncia: enfrentam o desafio do *novo* e arriscam experimentar outros caminhos.

A primeira parte do livro faz excelente balanço dos tortuosos caminhos da produção de conhecimento, resgatando temas e abrindo espaço à reflexão de velhas questões. Sem pretender fornecer *modelos*, algumas dessas questões são enfrentadas de forma particularizada. No entanto, a questão do *saber*, no seu processo de produção, reprodução e expropriação, se constitui numa preocupação que é comum a todos os autores presentes na coletânea. Os impasses para a apreensão do real também se sobrepõem em tais preocupações.

Do processo de *repensar*, emerge o confronto de concepções, o que é inevitável, salutar e desejável. É o que se depreende do questionamento feito às concepções teóricas que anulam o múltiplo por entendê-lo não contido no UM, ou seja, na totalidade. A questão é retomada no debate sobre o livro didático, em abordagem singular de Carlos A. Vesentini.

A segunda parte da coletânea apresenta o relato das experiências vivenciadas por professores e alunos de 1º e 2º graus, o ponto alto do livro pois persegue o *novo*, caminhando naquela direção apontada pelas reflexões teóricas. Apesar de a maioria dos trabalhos serem experiências individuais, fruto da atomização da categoria profissional, os relatos expostos traduzem a riqueza do novo, que coloca a *dúvida* e, conseqüentemente, a *procura* no centro das preocupações pedagógicas. Nesse sentido, merece destaque, no campo das experiências pedagógicas individuais, os trabalhos que aceitam o desafio de romper com o programa oficial – não porque seja oficial, mas porque exige certo posicionamento do professor por uma opção *diferente*, nem sempre fácil de ser tomada, devido às implicações mais amplas que isso acarreta.

O ponto culminante dos relatos, no meu entender, é a experiência multidisciplinar, de estudo do meio, realizada por Circe Maria F. Bittencourt, por romper com as experiências anteriores que priorizaram a integração do conteúdo. A autora resgata o caminho teórico-metodológico como via para essa “integração”. A empreitada, pelas condições de funcionamento da escola pública, torna-se, em vez de desafio pedagógico, uma aventura a que é difícil até dar o nome. No entanto, a experiência está sendo ressaltada não apenas pela *coragem* do grupo e sim porque ela arranca o ensino da História daquela linearidade, tão a gosto da velha proposta positivista, trabalhando temáticas a partir de *estudo de caso*, sem perder de vista as articulações mais gerais desse específico.

Enfim, a leitura de *Repensando a História* repõe para o leitor o entusiasmo dos primeiros tempos de formado porque resgata a *esperança* de que é possível tentar novos caminhos, apesar das imensas dificuldades enfrentadas pelo profissional no seu dia-a-dia de trabalho. Oxalá outras experiências de ensino de História venham a público porque só assim é possível avaliarmos os acertos e erros, através do debate, e aprendermos com essa troca.

À ANPUH fica o louvor por ter dado *voz e vez* a trabalhos dessa natureza, trazendo a público os seus resultados.

Zélia Lopes da Silva  
Depto. de História - UNESP